

## MR31: Interculturalidade, Confluências e Narrativas Contralocacionais

**Coordenação:** Angela Souza (UNILA)

**Participantes:** Jade Alcântara Lôbo (IDAFRO), Kowawa Kapukaja Apurinã (UFF), Aline Y. Hasegawa (SESC-SP)

### Resumo:

Atualmente a academia brasileira presencia um processo único e revolucionário de confluências de saberes e disputa de narrativas mediante a adoção das políticas de ações afirmativas e da resistência de debates contracoloniais dos povos intitulados enquanto minorias. Apesar de comporem a maioria numérica no Brasil, povos afropindorâmicos e amarelos sofrem uma grande marginalização sociogeográfica e epistêmica. No que tange a academia, os saberes desses povos ainda são questionados enquanto epistemologias visto que frequentemente apenas são levados em consideração quando objetificados em pesquisas, sendo repudiados e, por vezes, boicotados quando são sujeitos ativos nestes trabalhos. Na antropologia um grande marco neste debate foi a criação do Coletivo de Antropólogos Negres e da Articulação Brasileira de Indígenas Antropólogos. Levando em conta este cenário, a presente mesa tem como objetivo promover o debate e a confluência intercultural de distintas epistemes marginalizadas (negra, indígena e amarela) por meio de um diálogo entre diferentes antropólogas engajadas politicamente.

### As palavras e teoria: uma análise contracolonial :

**Autoria:** Kowawa Kapukaja Apurinã

As palavras possuem espírito dos seus/suas autores/autoras , o lugar do/a "selvagem" é previamente estabelecido, não somente nas relações objeto da academia, mas no extrativismo epistêmico destes saberes, reificado o lugar destes "selvagens" com outras palavras, mas com o os corpos tutelados destes saberes em processo de colonização em curso. Na pesquisa social e antropológica , o lugar do selvagem( TROUILLOT,2011), na condição de objetos de estudos, " sociedades-objetos", "informantes", seja na apropriação escravagista/extrativista de uma ampla gama de conhecimentos, artifícios, ofícios indígenas ( mateiros, remeiros, guias, remadores, mão-de obra servi) que tem nos corpos indígenas o " corpo-suporte" de tais epistemes, informações e saberes, na condição de mão de obra escrava ou servilizada ( APURINÃ, TUPINAMBÁ, 2020). Inúmeros foram as formas de extrativismo epistêmico e escravismo epistêmico, mas que também estruturam privilégios epistêmicos e formas de racismo epistêmicos a partir da inferiorização epistêmica , a desqualificação desses saberes e do monopólio do conhecimento que marcam como positivos os conhecimentos e saberes baseados nas experiências sociais e históricas e nas concepções de mundo oriundo dos espaços hegemônicos e racialmente brancos( moderno, cristão, ocidental, eurocentrado), desqualificando os saberes/epistemes oriundos das matrizes culturais e espirituais indígenas enquanto saberes vis, menores, que " não prestam", sem valor, marcado como hierarquicamente inferior , rasurado pela sua origem étnica e racial, considerados conhecimentos ilegítimos, subalternos.Os colonizadores , ao os generalizarem apenas " índios", estavam aprimorando técnicas de adestramentos,se destrói um povo, quando retirando a cultura e o modo de está no mundo. Neste , adestramento, se retira o sentido dos grupos , e os trata como uma generalização, retirando a humanidade e coisificando ( SANTOS, 2016). As palavras escritas, exercem um poder de dominação, são oriundas delas todo os processo de extermínios de povos indígenas. REFERÊNCIAS SANTOS, Antonio Bispo dos . Colonização, quilombos , modos e significações. Brasília: INCTI/UNB, 2015. TROUILLOT, Michel-Rolph. Transformaciones globales. La antropologia y el mundo

moderno. Traducción y presentación : Cristóbal Gnecco. Universidade del Cauca. CESO- Universidade de los Andes, 2011. TUPINAMBÁ, A. APURINÁ, K.K.E SEREMOS NÓS QUE FALAREMOS SOBRE NÓS? - ANTROPOLOGIAS INDÍGENAS: MIRAGENS E REFLEXÕES NAS ENCRUZILHADAS DE UM DEBATE POLÍTICO-EPISTÊMICO AINDA PENDENTE In: APURINÁ, KK. & SCANDOLA, Estela M.R. (ORGS) POVOS INDÍGENAS NO BRASIL: DIREITOS, POLÍTICAS SOCIAIS E RESISTÊNCIAS. Porto Alegre: Nova Práxis Editorial, 2020.

### 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

#### Realização:



#### Apoio:



#### Organização:

